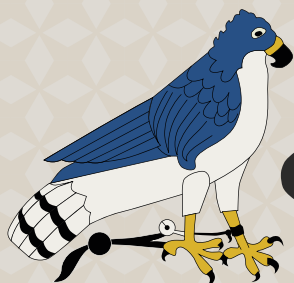
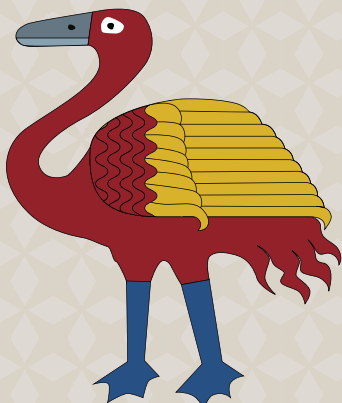
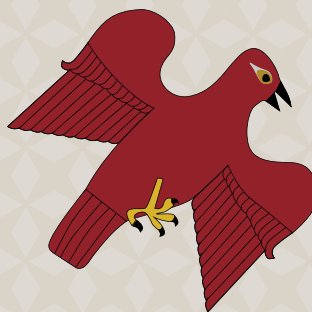
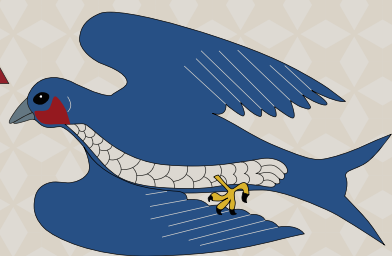
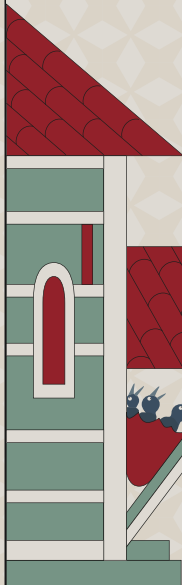
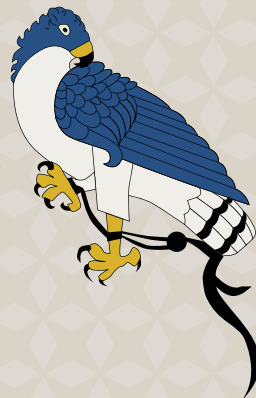


Vidas Manuscritas



Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Vidas Manuscritas

Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Autores Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves e Matheus Silveira Furtado

Organizadores Maria Filomena Coelho e Matheus Silveira Furtado

Título Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Coleção Coleção Medioevum

Local Brasília

Editor Selo Calianandra

Ano 2024

Parecerista Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Sales

Capa e editoração Isabela Lima Alves

Revisora Maria Filomena Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

V649 Vidas manuscritas [recurso eletrônico] : os pergaminhos medievais da UnB em exposição / organizadores: Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves, Matheus Silveira Furtado. - Brasília : Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 2024. 68" p. : il. - (Medioevum).

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.
ISBN 978-85-93776-07-6.

1. Manuscritos medievais. 2. Pergaminhos. I. Coelho, Maria Filomena (org.). II. Naves, Rozana Reigota Naves (org.). III. Furtado, Matheus Silveira (org.). IV. Série.

CDU 091

Heloiza dos Santos - CRB 1/1913

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino,

CEP: 70.910-900 — Asa Norte, Brasília, DF

Contato 61 3107-7371

Website caliandra.ich.unb.br

E-mail caliandra@unb.br

SELO CALIANDRA

Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Profa Dra Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Profa. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja (GEA)

Membros externos:

Profa Dra Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide — Espanha);

Profa Dra Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Profa Dra Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa Dra Marine Pereira (UFABC)

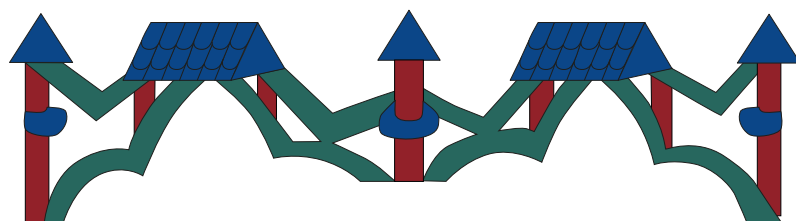
Profa Dra Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex — Reino Unido)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.



SUMÁRIO

Apresentação 7

Maria Filomena Coelho
Rozana Reigota Naves
Matheus Silveira Furtado

Parte I

A exposição *Vidas Manuscritas*: da concepção à execução

1 Idealizando a exposição *Vidas Manuscritas*:
relato curatorial  10
Matheus Silveira Furtado

2 Tipografia e imagética: a identidade visual da exposição
Vidas Manuscritas  33
Isabela Lima Alves

3 Exposição *Vidas Manuscritas*: uma jornada expográfica de
colaboração e experiência  51
Gracy Lima de Oliveira

4 *Condition Report* da exposição *Vidas Manuscritas*:
uma experiência de preservação  62
Ana Rita Oliveira de Souza

Parte II
O público e a experiência da mediação educativa

5 Estudo de público da exposição *Vidas Manuscritas* 75
Elmiza Nogueira Pires e Luc Farias Uchôa

6 Da sala de aula à comunidade: uma experiência com os manuscritos medievais da UnB 86
Lucas Cavalcante e Valentina Andrade

7 *Vidas Manuscritas*: o processo de mediação na perspectiva da História 101
Daniel Borges da Fonseca

8 *Flos Visitationum*: uma análise das narrativas do público no *Rolo de Vidas* 110
Lara Beatriz Martins

Parte III
Interfaces entre a História e a Linguística nos manuscritos medievais da UnB


9 *Flos Sanctorum*: atos e consequências 121
Luana Salazar Magalhães

10 Expressões do feminino no manuscrito *Flos Sanctorum* 133
Júlia Carvalho Caldas e João Fellipe Jonas da Silva

11 Modelos político-religiosos medievais nos *Diálogos de São Gregório* 144
Karina Cristina de Almeida Nicolau

12 Léxico e semântica nos *Diálogos de São Gregório* 152
Beatriz Gomes Gaspar e Henrique Lima Vaz

13 Colocação pronominal nos manuscritos medievais: uma ponte para compreender o português contemporâneo  163
Giovanna Duran Soares Santos e Giovanna Pedrosa Feitosa

14 Iluminar o costume: arte e representação nos manuscritos da BCE-UnB  174
Sammya Rodrigues

15 Bestas iluminadas: da Bíblia ao *Livro das Aves*  183
Oliver Figueredo

Parte IV

Vidas medievalizadas: dos manuscritos ao cinema

16 *It's just a flesh wound!* Monty Python e os medievalismos do imaginário contemporâneo  198
Heloísa Helena Santos

17 *O Sétimo Selo*: a Morte entre o Medievalo e o presente  209
Albert Prazeres

18 Dos contos de Chaucer às lentes de Pasolini  218
Caio Dias

19 As vidas de Joana d'Arc: figuras históricas e usos do passado  228
Letícia Amancio

Anexos

Livro das Aves  237

Vidas fotografadas  246

Ficha técnica da exposição  253

Parte IV

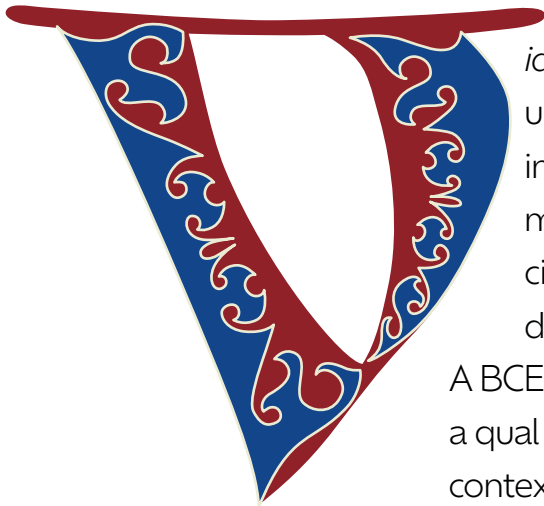
Vidas medievalizadas:
dos manuscritos ao cinema

Capítulo 16

It's just a flesh wound!
Monty Python e os medievalismos
do imaginário contemporâneo

HELOÍSA HELENA R. DOS SANTOS*

*Estudante do curso de História da Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: heloisa.santos@aluno.unb.br.



idas Medievalizadas: dos manuscritos ao cinema foi uma ação integrada ao projeto *Vidas Manuscritas*, uma iniciativa que procurou se aproximar do público por meio da exibição e discussão de filmes do acervo da cinemateca da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), que conta com mais de 3.000 DVDs. A BCE promove semanalmente uma atividade de cineclubes, a qual foi direcionada para a temática da Idade Média, no contexto da exposição dos pergaminhos medievais da UnB.

Com o objetivo de aprofundar o tema central da exposição – modelos de vida –, partiu-se da ideia de explorar as concepções que o cinema veicula sobre a Idade Média, como vidas medievalizadas. Foi, assim, criado um pequeno grupo de estudantes do curso de História, para pesquisar o acervo da cinemateca da BCE e proceder à seleção de quatro filmes. Em termos da problematização construída e do roteiro que orientaria o debate com o público, foi acordado que seriam privilegiadas reflexões sobre os usos que os diretores e cineastas faziam dos medievalismos nas suas produções e como representavam a ambientação medieval em suas obras.

As sessões aconteceram durante o mês de outubro de 2023. Cada mediador assumiu a responsabilidade da exibição de um filme e da preparação e realização do respectivo debate. O filme *Monty Python: Em Busca do Cálice Sagrado* abriu a programação, seguido de: *O Sétimo Selo*; *Os Contos de Cantuária*; e *O Processo de Joana D'Arc*.

Em termos gerais, a recepção do público foi muito positiva, com participação ativa nos debates. Depois das mediações realizadas no *Campus Darcy Ribeiro*, a BCE junto ao setor conhecimento como CoEduca, do Decanato de Assuntos Comunitários, estendeu a programação do cineclubes para outros campi da UnB, levando a projeção do filme *Monty Python: Em Busca do Cálice Sagrado* para o *campus* do Gama, com excelentes resultados. Como desdobramento dessa experiência exitosa, foi instituído na programação do Cineclubes da BCE-UnB um mês dedicado à Idade Média.

Na qualidade de mediadora da primeira sessão, procuramos criar com o público uma atmosfera de roda de conversa, com a intenção de levantar algumas questões suscitadas pelo filme *Monty Python: Em Busca do Cálice Sagrado* (1975). O ponto de partida centrou-se em pensar como o senso comum afetaria, negativamente, a ideia que se tinha sobre a Idade Média, presente na cultura escolar, na

mídia em geral e na sétima arte. Partimos de uma pergunta provocadora: Ao pensar em Idade Média, que associações vocês estabelecem? As respostas revelaram estereótipos e preconceitos históricos, que permitiram orientar a conversa no sentido de compreender o que seriam os medievalismos ao longo do tempo. Assim, foi possível pensar no filme como crítica e parte dessas concepções contemporâneas sobre o período medieval.

O senso comum do presente e a Idade Média

Para o senso comum, a Idade Média tinha tonalidade sombria. De certa maneira, essa visão estava relacionada ao Regime Moderno de Historicidade, cujo paradigma básico se assentava numa ideia de progresso e de evolução constante dos processos históricos. A medida da evolução era dada pelos princípios que identificavam a própria modernidade, gerando uma dinâmica analítica teleológica. Nesse sentido, os períodos passados eram avaliados à luz do presente, a partir dessas categorias modernas, que iam se estabelecendo a partir da metade do século XVIII (KOSELLECK, 2006). Portanto, as abordagens sobre o passado que desconsideravam as especificidades de cada época seriam anacrônicas (FALCONIERI, 2019).

O *medieval* é profundamente afetado por tais perspectivas, por se considerar que as sociedades de então não estariam à altura dos padrões tecnológicos e intelectuais, configurando-se como um período negativo da história. Alguns conceitos e acontecimentos passaram a constituir palavras-chave que, por si só, condensavam esse sentimento negativo: igreja, feudalismo, peste, fome, guerra. Tais indicadores sobre a época medieval suscitavam, imediatamente, a imagem escura que parecia dar conta dos acontecimentos desse intervalo de longuíssima duração (1.000 anos!), batizado de Idade das Trevas (RICHARDS, 1993). Apesar dos esforços científicos e acadêmicos para mostrar o quanto essa percepção impedia o conheci-

mento do passado, ela continua sendo difundida pelo currículo escolar, que socializa gerações de indivíduos (PERNOUD, 2016). Como resultado, a ideia geral é que o cotidiano das pessoas na Idade Média era permanentemente atravessado pelo medo e terror, uma vida estagnada.

Foi com base nesse feixe de referências que o grupo inglês Monty Python construiu a narrativa sarcástica do seu primeiro longa-metragem, apropriando-se de um cenário medieval conhecido pela maioria do público. Apesar de o filme pertencer à categoria de comédia, os diretores e roteiristas se aproveitaram do gosto dos espectadores por temas históricos, para construir uma crítica eficaz sobre as expectativas cronologicamente autocentradas. Ou seja, tendia-se a gostar daquilo que reforçava as fantasias sobre o passado que, em realidade, falavam do nosso presente e de nossos desejos. O interesse do público por filmes baseados em fatos reais do passado é crescente, levando ao aumento de produções desse gênero. Entretanto, muitos dos roteiros interpretam o passado de maneira muito pouco histórica, mirando, sobretudo, no gosto do público. A força da linguagem do cinema, com a capacidade de proporcionar uma sensação de imersão total, acabaria por reforçar um sentimento de realidade histórica no espectador, que reforçaria os preconceitos e estereótipos.

Certamente, em um debate sobre um filme, seria impossível detalhar com cuidado todos os aspectos que, relativamente à Idade Média, ajudariam o público a compreender que se tratava de um período histórico em que as sociedades humanas se transformaram e experimentaram avanços significativos relativamente a cronologias anteriores. Mas, como em qualquer época – inclusive na Idade Contemporânea –, houve também momentos catastróficos e dramáticos. Portanto, era muito importante alertar para a necessidade de se interpretar o passado de forma menos anacrônica e teleológica. Na conversa, ressaltamos alguns exemplos que permitiram desfazer o senso comum negativo, sobretudo, relativamente ao atraso e ao retrocesso que caracterizariam esses mil anos da história da humanidade e, que, repentinamente, chega ao Renascimento. Contrariamente a esse juízo que esvazia e uniformiza as experiências históricas, procuramos mostrar a longa duração das mutações como um processo muito diferente daquele ensinado na escola e reforçado pela mídia.

Monty Python e os usos dos medievalismos para a construção do humor

O medievalismo, como movimento cultural, nasceu por volta de 1760, na Inglaterra. No século XIX, o entendimento comum (FALCONIERI, 2019) sobre a Idade Média começava a delinear-se cada vez mais sem a necessidade de vincular a vida laica e a religiosa, com notória influência da literatura, que difundia uma visão romântica da Idade Média por várias camadas sociais. Além dos romances, que promoviam uma determinada ideia do medieval, os temas desse período converteram-se em uma estética romântica que abrangia a arte e a arquitetura. O medievalismo construiu uma narrativa da Idade Média que chegaria no século XX ao cinema, com predileção por castelos, cavaleiros, batalhas, florestas, bruxas, camponeses, entre outros. Esses elementos, facilmente reconhecidos pelo público, são as principais referências utilizadas pelo Monty Python, permitindo desenvolver o enredo crítico, sem a necessidade de muitas explicações.

Entretanto, não deveria passar despercebido que a Idade Média era um período considerado de maneira contrastante. Se por um lado, era uma época de fome-guerra-pestes, por outro, era também um tempo de honrados cavaleiros, fé verdadeira, e comunhão com a natureza. Assim, a depender do interesse, o medieval poderia servir para construir histórias encantadas, com príncipes, princesas, fadas e espiritualidade, quanto para enredos assombrosos de bruxaria, feitiços, injustiça e anarquia. Todos os contos medievais seguem uma estrutura similar, fruto de um cânone uniformizado, facilmente identificado e desfrutável. *Monty Python: Em Busca do Cálice Sagrado* reúne um mix de representações elaboradas no século XIX, mas trata de introduzir de forma clara, e com propósitos disruptivos, elementos de nossa experiência contemporânea. O efeito de absurdo é cômico, mas, principalmente, eficaz ao ativar no espectador a consciência sobre as formas como se consideraria o passado.

Os usos que os diretores Terry Jones e Terry Gilliam fizeram dos medievalismos para montagem dos esquetes, resultou em uma narrativa contrastante e rica. Eles partiram do mito do Rei Arthur e dos Cavaleiros da Távola Redonda, uma temática extremamente conhecida e propícia a transformações e adaptações fantasiosas.



Imagem 1 – O rei Arthur e seus cavaleiros
Fonte: Monty Python and The Holy Grail (1975)

Em termos técnicos, a imagem foi tratada com filtros mais escuros, a trilha sonora apelou para canções de triunfo, enfatizando o caráter heroico e corajoso do rei e de seus cavaleiros. O Rei Arthur vestia uma cota de malha sobreposta por um símbolo heráldico com o sol: o astro rei.



Imagem 2 – Rei Arthur
Fonte: Monty Python and The Holy Grail (1975)

O próprio Deus aparecia, sob forma caricata, para anunciar que ele escolhera o Rei Arthur para liderar os cavaleiros na busca do Graal, o cálice que Jesus usou na última ceia. A busca dos guerreiros era rica em aventuras, ambientadas em cenários cotidianos, mas também em dimensões sobrenaturais. Apesar do absurdo de muitas situações, os personagens agiam com naturalidade, como se tudo aquilo fosse lógico. Na verdade, nada mais era do que uma sequência de apropriações extremas dos medievalismos, pontuadas por intromissões obviamente anacrônicas, próprias do século XX, como a repentina aparição de um historiador e de policiais, ou de camponeses que reagem a uma situação de exploração com argumentos anarco-sindicalistas.



Imagem 3 – O historiador
Fonte: Monty Python and The Holy Grail (1975)

Cenas com cunho crítico-histórico

Ao longo do filme percebiam-se várias cenas em que o roteiro apelava claramente para alguns estereótipos, dos quais destacamos alguns.

A figura do cavaleiro heroico e andarilho era bastante recorrente e, na história inglesa, até hoje o cavaleiro negro atíça a imaginação. Contra ele se batia o valoroso Arthur, em uma cena que desafiava toda a lógica, uma vez que os golpes de espada desferidos pelo monarca, que o desmembravam até ficar reduzido a cabeça e tronco, não pareciam afetar a valentia do guerreiro, que continuava a desafiar o rei para a luta. Dessa cena, retiramos o mote da sessão: *It's just a flesh wound!*

Os camponeses eram igualmente personagens onipresentes no imaginário do medievalismo: miseráveis e explorados por senhores impiedosos. Assim, eles apareciam logo no início do filme, como caricatura feudal de um mundo ruralizado, trabalhando a terra de forma precária. Interpelados pelo rei, que lhes pedia uma informação, reagiam de maneira inesperada, reclamando direitos trabalhistas próprios do movimento operário do século XX.



Imagem 4 –O Rei Arthur e os camponeses
Fonte: Monty Python and The Holy Grail (1975)

Outra figura recorrente era a bruxa. No filme, uma jovem acusada de bruxaria não tinha a aparência que se esperaria: velha, feia, corcunda, com nariz grande e verrugas. Ao contrário, ela era jovem e muito bonita. Então, para atender às expectativas da turba, que a acusaria e que exigiria que a queimassem, desenrolava-se um processo para testar se se tratava, ou não, de uma bruxa. As estratégias adotadas eram ilógicas e de caráter claramente primitivo, com o objetivo de cumprir a intenção de queimar a bruxa na fogueira.



Imagem 5 – O cavaleiro testa a bruxa
Fonte: Monty Python and The Holy Grail (1975)

Por último, destacava-se o papel da Igreja, que no imaginário dos medievalismos aparecia como a única fonte de institucionalidade estável da Idade Média, com superpoderes. No filme, essa característica foi retratada por meio da manipulação do discurso dos eclesiásticos e do emprego de recursos bélicos, com o objetivo de dominar a sociedade, como demonstrava a criação da Santa Granada. Tratava-se de um artefato militar moderno, uma granada, mas com a forma da orbe, símbolo máximo da autoridade e da soberania nos reinos cristãos.



Imagem 6 – A “Santa Granada”
Fonte: Monty Python and The Holy Grail (1975)

Conclusão

Certamente, os eixos problematizadores desempenharam um importante papel, estimulando o público a interagir com a obra, não somente no *campus* Darcy Ribeiro, mas também no *campus* do Gama. Foi um enorme prazer investigar os temas medievais apresentados no filme e refletir sobre as apropriações que o cinema realiza para medievalizar as vidas representadas. Esperamos que *Monty Python: Em Busca do Cálice Sagrado* continue arrancando risadas de seus admiradores e proporcione boas reflexões.

Referências

Fonte:

MONTY Python and The Holy Grail. Direção: Terry Gilliam; Terry Jones. Produção: Mark Forstater, Michael White, 1h31m. Inglaterra, 1975.

Bibliografia:

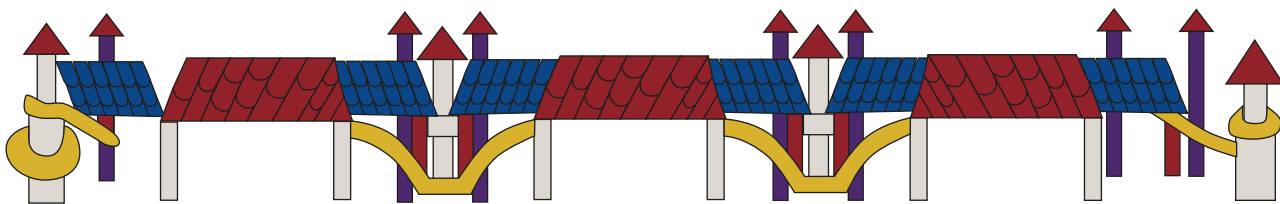
BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Ed. Globo, 2012.

FALCONIERI, Tommaso C.. *The Militant Middle Ages*. Londres: Ed. Brill, 2019.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2006.

PERNOUD, Régine. *Idade Média. O que não nos ensinaram*. São Paulo: Ed. Lino-tipo Digital, 2016.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.



Libro das Aves

REGISTRO FOTOGRÁFICO



Tratados do Açor



Tratado da Cegonha



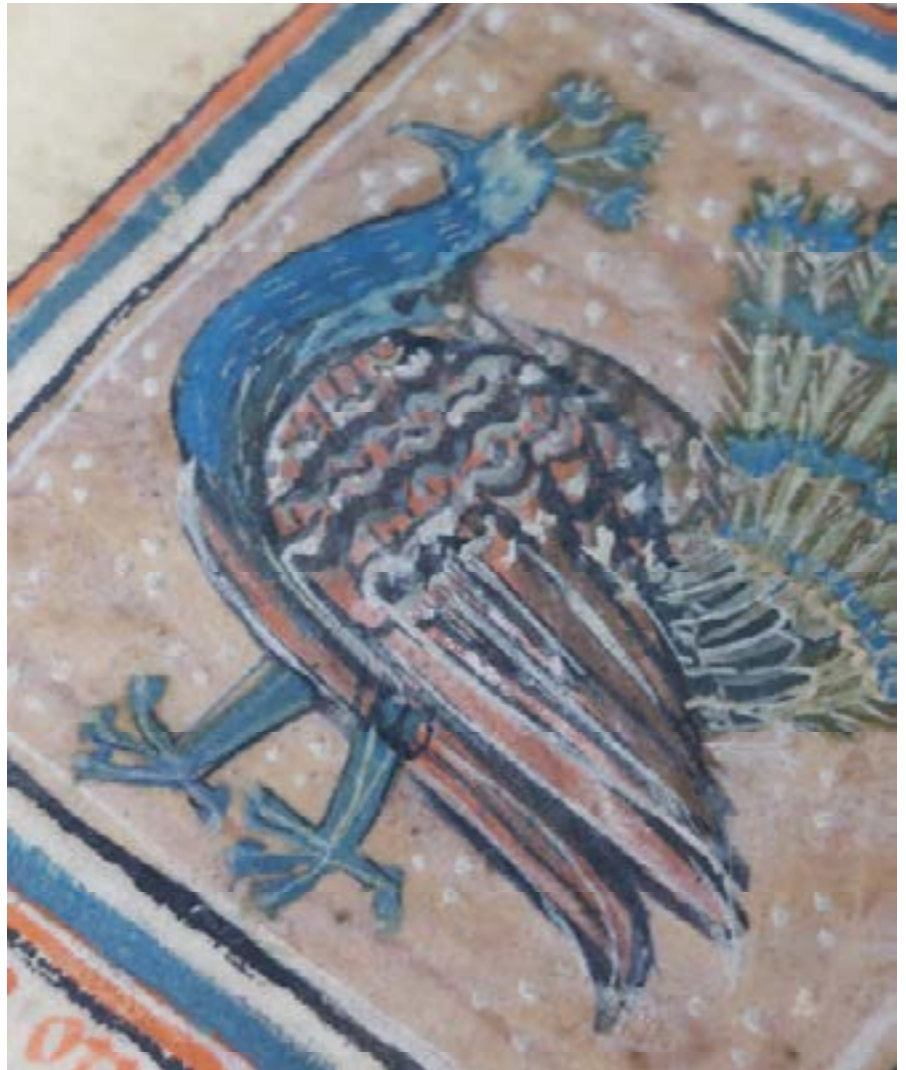
Tratado do Noitibó



Tratado da Ema



Tratado do Pavão



Tratado da Águia



Tratado da Andorinha



Tratado da Tortor/Rola



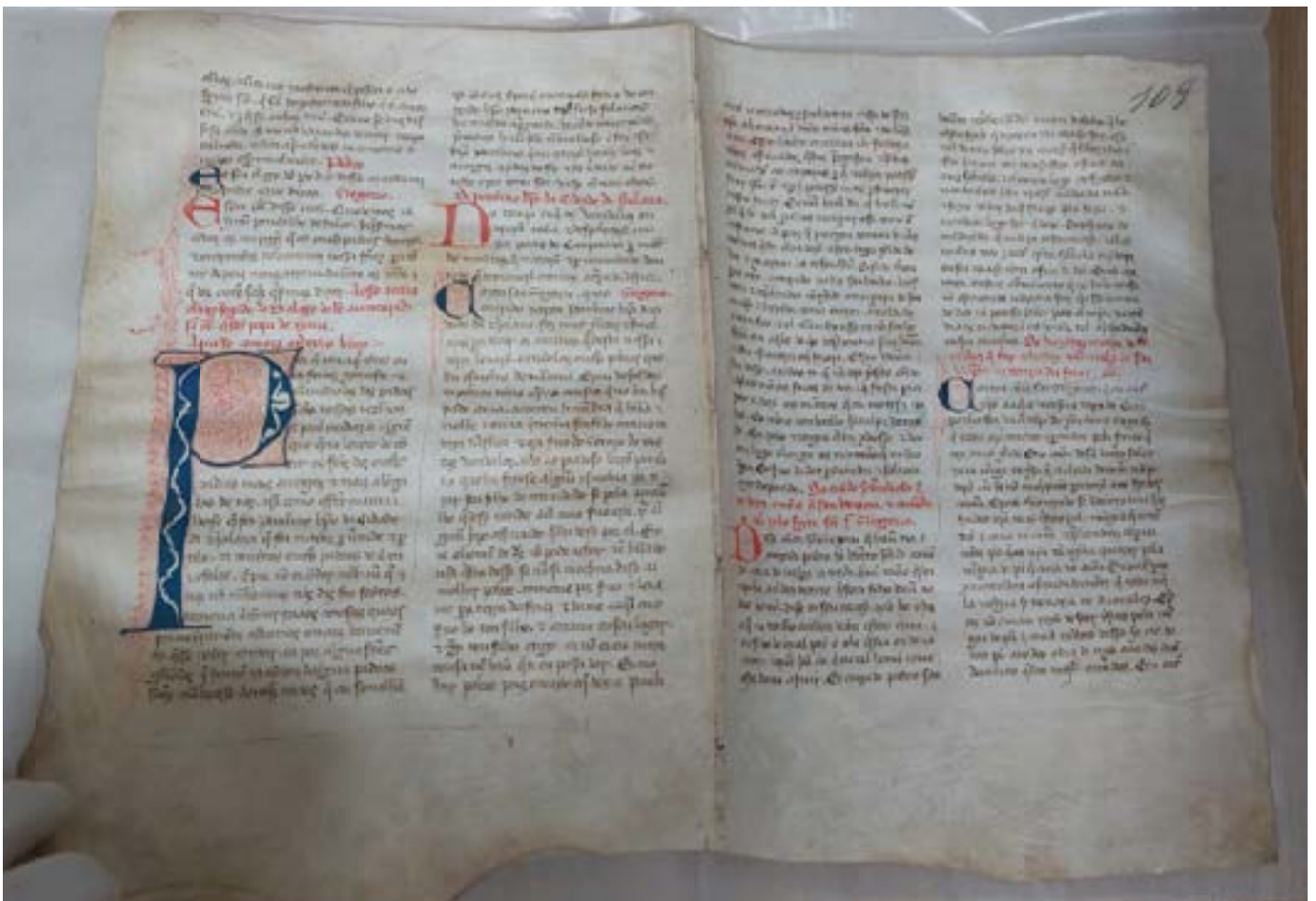
Ezequiel

... de
... dece
... tenha.
... q' falg
... to am

confas q' uio de q' auian de puaq.
**De como ezechiel o profeta pos aas
quatro euangelistas a cada hua sa
semelhanca:.**



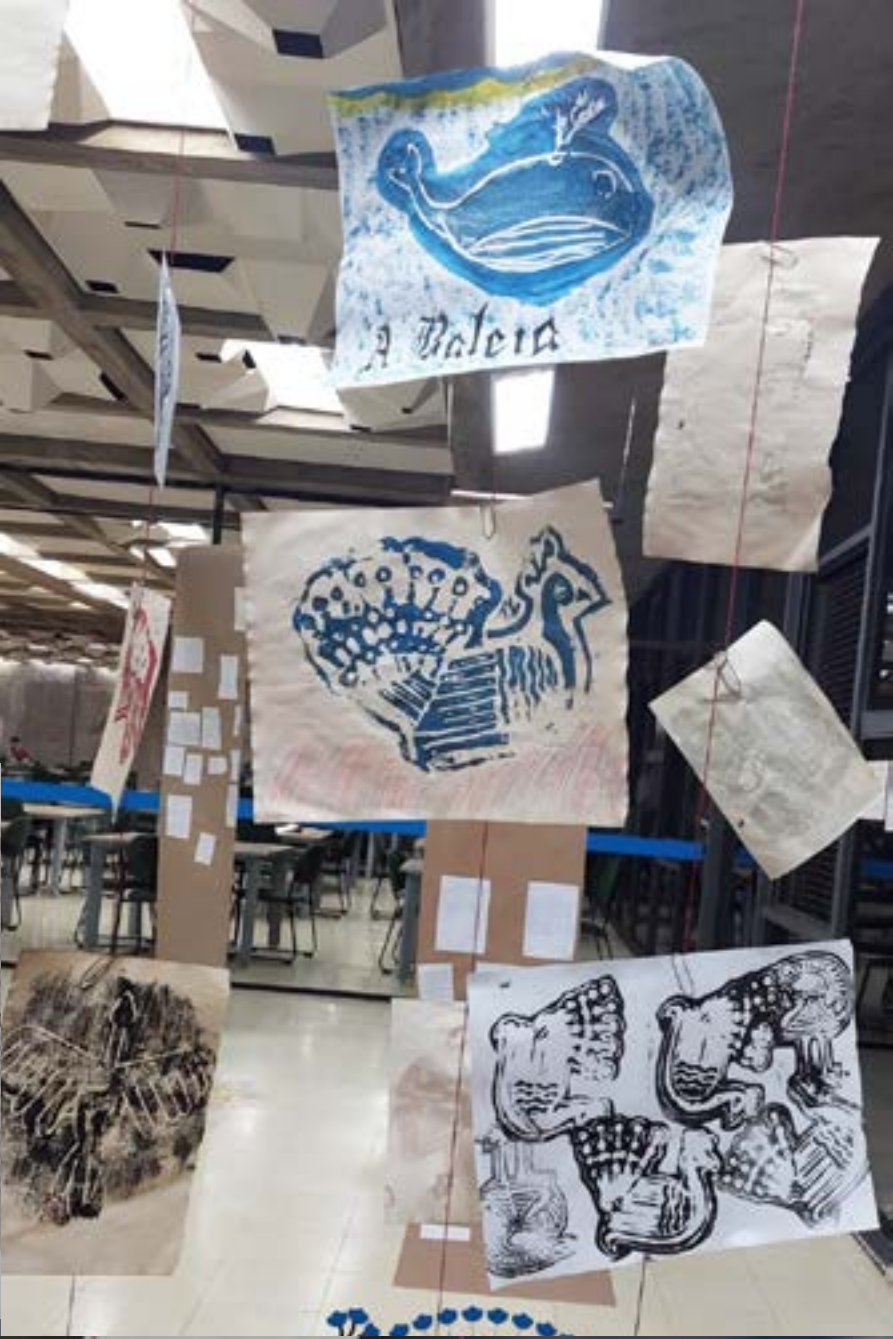
São Gregório





Vidas Fotografadas





**Histórias dos
Diálogos de
São Gregório**

Os textos dos Diálogos de São Gregório são uma obra de grande importância para a história da literatura e da teologia. Eles foram escritos em latim e traduzidos para o português, sendo uma das primeiras obras de literatura em língua portuguesa. O livro é dividido em dois volumes, sendo o primeiro dedicado à vida de São Gregório e o segundo à vida de São Elzequiel. Seguem-se três histórias de São Gregório e São Elzequiel em português.



@expo_vidasmanuscritas



BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB



Vidas à Sorte

Aves e Penas

Rolo de Vidas



Vidas Manuscritas

Chefe das Coleções Especiais
da BCE Jefferson Higino



Visas Manuscritas

Abertura oficial da Exposição



Curador Matheus Furtado



Professora Filomena Coelho

CONTE A SUA HISTÓRIA
na Galeria da BCE




EXPOSIÇÃO

Visas
Danuscritas

De 10 de outubro até 14 de novembro

9h às 17h

Diálogo de Arte e Género

Live Art

Flora Danuscritas

OBRAS RARAS BCE-UNB

Visas Femininas Danuscritas




Visas Danuscritas

EXPOSIÇÃO

Visas Femininas Danuscritas




Visas Danuscritas "O FUTURO DA ARTE É FEMININO"




Femininas



as Danuscritas




Visas








Oficina de gravura
por @expo_vidasmanuscritas



Ficha Técnica

Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Projeto de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

Coordenação geral

Dra. Maria Filomena Coelho PPGHIS - HIS/UnB

Coordenação adjunta

Dra. Rozana Reigota Naves - LIP/UnB

Responsáveis Coleções Especiais/Seção de Obras Raras (BCE-UnB)

Jefferson Higino Dantas

Dr. Raphael Greenhalgh

Ms. Néria Lourenço

Curadoria e idealização

Ms. Matheus Silveira Furtado

Coordenação de Programa Educativo

Dariane Resende

Design gráfico

Isabela Lima Alves

Projeto expográfico

Gracy Lima de Oliveira

Produção

Filigrana - Museologia

Montagem

Marcelo Capella

Apoio

Instituto de Ciências Humanas (ICH/UnB)

Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UnB).

Mediação

Beatriz Gaspar, Daniel Fonseca, Elmiza Pires, Gabriel Trajano, Gabriel Santos, Giovanna Duran Santos, Giovanna Feitosa, Helena Camelo, Henrique Lima Vaz, João Fellipe da Silva, Júlia Caldas, Karina Nicolau, Kamilla do Carmo, Lara Beatriz Martins, Lucas Cavalcante, Luana Magalhães, Luc Uchôa, Maria Eduarda Itacaramby, Oliver Figueredo, Sofia De Brot, Sophia Gomes, Sammya Rodrigues, Tainara Martins, Valentina Andrade, Yasmin Tavares.

